

JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre 500 réis
Com estampilha 600 »
Fôra do reino accresce o porte do correio
avulso 20 »

DIRECTOR E PROPRIETARIO

AUGUSTO DA COSTA E PINHO

Redacção e administração — LARGO DA PRAÇA — Ovar

Impressão e composição — **TYPOGRAPHIA PENINSULAR**

Rua de S. C hrispim, 18 a 28—PORTO

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal. 60 rs. cada linha
Anuncios e comunicados. 50 »
Repetições 25 »
Anuncios permanentes, contracto especial
25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes

OS JESUITAS

Outros motivos do Breve—
Domiaus ac Redemptor

XI

Exigiram os governos de Clemente 13, que retirasse a bulla contra o infante de Parma—e no conselho de Carlos 3.º, de que eram membros muitos bispos (note-se), se accordou, que no caso de recusa fosse Avignon occupada pelas tropas francezas, Benevento e Castro pelas do rei de Napoles. O embaixador de França, com o de Madrid, que era o bispo de Valenca, Azpurú e o de Napoles, tambem um ecclesiastico de alta gerarchia, o cardeal Orsini, apresentaram ao pontifice a *Memoria*, em que se declaravam aquellas represalias.

Inquietos os amigos dos jesuitas, Torregiani, e os cardeaes da facção dos *Zelantl*, animaram o velho Clemente 13 a reagir—e o pontifice reagiu—mas os francezes occuparam Avignon, e os napolitanos os ducados.

A imperatriz d'Austria, Maria Thefeza, particularmente, o eleitor de Baviera, o duque de Modena, e a republica de Veneza, apoiaram esses actos.

A Europa repellia os jesuitas.

Foi então que a França, a Hespanha, e Napoles, reclamaram ao mesmo tempo a suppressão canonica da Ordem.

A este golpe não resistiu Clemente 13, e dias depois morreu de repente.

Em dezembro de 1770 a Choiseul succedeu, como primeiro ministro, o duque d'Aiguillon, do partido reaccionario, e que subiu ao poder pelas intrigas dos jesuitas.

Estes exultaram—e persuadiram-se de que podiam restabelecer-se, quise ram logo vingar-se: dirigiram ao rei uma longa exposição da sua conducta, onde pediam o julgamento do abbade Beliardy, e d'outros agentes subalternos de Choiseul, na esperança de mais tarde envolverem n'um processo crime o ministro demittido.

(A Memoria existe no Archivo dos Negocios Estrangeiros).

Porém Carlos 3.º conti-

nuou a instar com Luiz 15 e com o novo ministro para não cessarem as suas delicias a respeito da secularização dos jesuitas, e o duque d'Aiguillon, amigo d'estes ultimos, rende-se á necessidade politica de satisfazer o soberano hespanhol—cuja confiança ganhou por uma covardia, promettendo dar ordens energicas. Os dois gabinetes d'ahi em diante enviam um ao outro os despachos, que recebem de Roma.

Ouçamos agora o depoimento de Carlos 3.º, catholico sincero, que não regateava a sua fê nem aos milagres mais recentes; disse elle ao embaixador de França em Madrid, «que muitas vezes os seus ministros o avisavam de que os jesuitas desde 1759 o desacreditavam no conceito do povo, mas que sempre julgara essas informações sem fundamento—porém que a revolta, chamada dos *Chapeus*, lhe abriera os olhos—foram os jesuitas que a fomentaram, do que tinha as provas, foram vistos distribuindo dinheiro aos grupos dos revoltosos—e que depois das suas calumnias só estiveram á espera de um pretexto ainda que fosse o mais pueril.»

Emquanto ao rei de Napoles, era tambem um catholico dos quatro costados—vestidos de batina cantava o canto-chão com os conegos na cathedral de Bary—longe de toda a philosophia, a canonisação d'algum santo fôra sempre o objecto da sua maior sollicitude.

Pelo que toca ao nosso paiz, os motivos que influem no marquez de Pombal são bem graves.

Em 1750 cem mil familias de indios no Paraguay formavam trinta cantões, de que os jesuitas se arvoram em chefes espirituaes e temporaes.

A alma do jesuitismo encarnou nos selvagens—credulos e submissos cobriam a face na passagem de um frade, e beijavam-he a aba da batina, pelas mais leves faltas eram varados nas praças.

O rei d'Hespanha e o bispo tinham ali apenas uma apparencia de auctoridade.

Não era recebido nenhum funcionario do governo, nem ecclesiastico,

que lá fossem por ordem do bispo. Um prelado, não se conformando com esta rebeldia, quiz estabelecer a gerarchia da igreja.

Ninguem compareceu ao seu chamado—e ficaram os jesuitas senhores absolutos, que nem sequer consentiam aos officiaes do governador, que se dirigiam ao Peru, o permanecerem mais de tres dias dentro dos seus dominios!

São elles que o contam.

Em cada cantão havia um arsenal—os frades ensinavam os exercitos militares—commandavam os paraguayanos nas expedições contra os selvagens vizinhos—e por fim contra os portuguezes, que haviam tomado aos hespanhoes a cidade do Sacramento, depois cedida a Portugal com as suas vastas dependencias.

Os indios atacaram duas vezes a fortaleza do Pardo com uma artilharia bem servida.

A provincia de S. Nicolau revoltou-se em 1757 e treze mil combatentes se apresentaram em campo ás ordens dos jesuitas Thadeu e Lamp.

O marquez de Pombal não perdoava essas desobediencias.

Accusados de rebeldes na America e na metropole foram expulsos um anno depois, em 1758.

Eis a historia.

Lourenço d'Almeida e Medeiros

MAIS SOBRE O BISPO DE BEJA

Dizem os clericos do Porto na sua gazeta, que por se haver demittido o sr. Medeiros ficou mais definida a posição do governo—ficou é bem verdade—era conciliador, equiponderante no meio dos partidos—deixa de o ser, e nada significa—está sem duvida mais definido.

E' liberal o sr. Medeiros, como os seus actos o provam e se por sahir do governo fica este mais definido, é porque os seus collegas são reaccionarios, torna-se mais pura a côr do governo.

Cede gostosamente á reacção no caso do bispo de Beja caso bem frisante onde a deixa affrontar o Estado, a lei, e ao ministro que se demittiu, a auctoridade do governo.

Mas como o partido reaccionario não se representa nas camaras senão por dois ou tres deputados, e não pôde sustentar uma situação da sua côr—o governo

vem a ser uma cabeça sem corpo fica pois definido como reaccionario, mas só na **pessoa** dos ministros, perdeu toda a entidade politica, e se acaso se emancipou dos regeneradores e dessidentes que se queixam d'uma traição, eil-o sob uma dependencia maior e mais humilhante, a dos progressistas, que pretendiam *obstar ao governo* do sr. Wenceslau de Lima.

Anda aos tombos a politica portugueza e as razões são bem claras para todos.

Formando o actual gabinete o sr. Wenceslau de Lima operou um milagre constitucional—sem partido, e sem maioria manobrou entre as facções adversas com grande habilidade—admirei-o—e até ao incidente de Beja não houve motivo assaz forte para ser aggreddo.

Vai faltar-lhe o apoio dos bloquistas, e por isso se cahir sob a dependencia de quem o não via com bons olhos—mas que não ousava rebelar-se no parlamento afim de conservar as caras auctoridades administrativas—arranjo simoniaco, ou transacção, não sobre ideias mas sobre um interesse partidario. Ideas? A verdade é, que nem d'um nem d'outro lado, existe qualquer programma, ou thema principal, em cuja execução e empenhem.

Parecendo a ambos antes atrahir os clericos do que reprimil-os, quiseram salientar-se n'uma attitude diversa dos regeneradores e dessidentes, é n'este proposito que vai escorregando o ministério.

Em Lisboa os reaccionarios exigem em questão religiosa o conflicto disciplinar entre o sr. ministro da justiça e o bispo de Beja—é velha tactica, que já perdeu todo o effeito, considerar como offensivo á religião qualquer acto do poder civil que reprima os abusos do clero.

E acrescentam com audacia «que se o governo procedesse contra o padre Vasconcellos, seria **aggressor á Igreja**, e n'este caso se levantariam todos os bispos—(tenho pena de que não proceda, queria ver a divertida rebelião das mitras)—mas **filizmente os collegas do sr. Medeiros o desampararam, e se poseram do lado do bispo e da lei**».

Aqui invertem os papeis—é o bispo de Beja, que offende a lei de 1845 reguladora do assumpto, e o ministro, que se demittiu, é quem n'ella se funda, e são os seus collegas, que **desmentindo-se**, permitem que o bispo calque aos pés a Lei, e humilhe o Estado.

Assim escrevem, assim improvisam sem escrupulo os pios redactores do *Portugal*.

Tão falsa é a posição do bispo insubordinado, que este e o patriarcha, (androides, que a seita negra maneja) lembraram-se de publicar n'um jornal não suspeito um aranzel justificativo, do qual uma parte é falsa e a outra não abona a sua hermeneutica de leis e portarias.

1.º Não é verdade ter havido a syndicancia a que alludem.

2.º Não é verdade que o ministro occultasse qualquer documento aos seus collegas.

3.º A portaria de 907 não au-

thorizou nem podia authorisar a destituição dos professores.

4.º Os irmãos Ançans não podiam ser exonerados sem ser ouvidos.

5.º E demais interposeram o *recurso d'Coroa*, e sem a sua decisão nada deve, nada pôde resolver o governo.

6.º Uma portaria não diverge Leis, nem extingue direitos.

Denuncia um jornal republicano, sempre bem informado, que o sr. presidente do conselho, accordou com o bispo, o nuncio e o patriarcha no modo de resolver a questão dos Ançans, e que a portaria relativa a esse accordo já se acha impressa, e uma copia se envia ao **paço** de S. Vicente, e outra a S. Magestade e outra ao governo.

Ao **paço** de S. Vicente? ao bispo, e ao patriarcha?

E' como se um juiz desse ao reu a sentença para ver se lhe agrada, ou para corrigil-a!

Custa-nos a crer n'este vergonhoso rebaixamento do Estado.

Diz ainda a gazeta clerical de Lisboa «*que os padres não querem governar nem ostensivos, nem encobertos, que já passou o tempo das theocracias, que só combatem os revolucionarios, não foram os padres que levaram o paiz á desgraça e á mingua em que se encontra que os actos do ministro eram vinganças recommendadas, e que o episcopado tinha de pugnar pelos seus direitos e prerogativas legaes solidario com o virtuoso bispo alemtejano: que o povo não acredita os jacobinos da Junta Liberal, porque sabe que o seu mal estar, a sua pobreza a sua ignorancia não veem dos padres, que nunca este paiz governaram—os pregadores das turbas ha muitos annos que lhes mentem—a Junta Liberal não vai levantar-as contra a Igreja, mas contra ao throno*»

O defeito ou o grosseiro artificio d'esta parlada é misturar, embrulhar todas as causas, todas as questões, até mesmo a pessoal do articulista que chega a defender a *Inquisição*, taxando os que a ella se referem de *verdadeiros inquisidores da Historia!*

Responderemos.

Almeida Medeiros.

O FUZILAMENTO DE FERRER

Crescem as provas da innocencia de Ferrer—mas as gazetas reaccionarias empenham-se em justificar o seu fuzilamento.

A do Porto reproduz as inesperadas e lastimosas affirmativas do novo ministro da guerra em Hespanha.

1.º Que Ferrer fora bem julgado o que se vê do processo que veio publicar-se—o que é falso.

2.º Que ainda se lhe admittio a defeza, quando as leis hespanholas não lh'a promettiam—é falso.

3.º Que não foi condemnado como propagandista, mas como agen de rebellião.

4.º Que os testemunhos e os **indicios** o provam.

—Se ha provas, não se falla em indícios, por indícios não se condemna á morte; mas não houve provas nem sequer indícios.

Vemos ahí uma chocha repetição do modo porque o ministro, seu antecessor, se defendia do crime de Montjuich.

O processo não prova a não ser, para os juizes militares, para o sr. Maura, e para os dois ministros da guerra.

O julgamento foi publico e ninguém se convenceu senão da innocencia do reu.

A gazeta reaccionaria de Lisboa publica o relatorio do accessor ao tribunal, e bem analysado só confirma a justa indignação de toda a Europa contra a Hespanha reaccionaria, que instigou o governo a esse crime, e contra o governo que n'elle vio um motivo de mais ligar os reaccionarios, mas achou a sua queda.

Analysaremos o relatorio.

A. M.

O Bispo Lima Vidal

Este bispo lembra-se de mostrar que a igreja catholica nunca perseguiu os sabios, no n.º seguinte veremos como defende a sua these, que julgamos mui difficil, e muito facil de refutar-se com a historia.

Falla de Voltaire, *não sei para quê*, e diz, «confessemos que nunca existio ninguem mais contradictorio, mais *ridiculo*, mais *contraproducente*.» *Mais ridiculo?!*

«Depois d'espalhar aos quatro ventos todas as infamias e motejos contra a Igreja, escrevia em 1746 — submetto os meus escriptos ao juizo da Igreja, em cujo seio quero viver e morrer tranquilamente.»

Empraso o sr. bispo para que cite em qualquer obra de Voltaire, essas infamias a que se refere; todos os seus motejos são justificados, e respiram um grande amor da humanidade, que palpita em tudo quanto escreveu.

Emquanto a submeter-se ao juizo da Igreja, fallaremos mais d'espaco.

O assumpto, que é fecundo, agrada-me.

Almeida Medeiros.

ADMINISTRADOR DO CONCELHO

Queixaram-se a «Patria» e a «Discussão» d'esta auctoridade por não ter a previsão de ter evitado um conflicto lamentavel, de que resultaram ferimentos de gravidade relativa, e de não ter prendido, logo, os suppostos auctores de tal aggressão.

Paridade de pensar seguiu um na esteira do outro, qual barco que singra nas aguas brancas e serenas, da nossa encantadora ria, com mantimento a bordo.

Não admira. A suggestão, o hypnotismo são uma verdade, assim como o é transmissão do pensamento e a influencia do pensar alheio.

Dizem «os dois» que o conflicto resultara de rixas velhas provenientes de *namoros*, tendo já havido anteriormente leves escaramuças.

Que isto era sabido de muita gente, e tambem o devia ser do administrador do Concelho.

Em face de taes declarações, nenhuma duvida pode haver do que «os collegas» tinham conhecimento dos factos, ignorando se aquella auctoridade o tinha ou não. Ora sendo assim, «os dois» ou um «só» deviam prestar o serviço á sociedade, de prevenir o administrador do concelho de taes factos.

E com esta prevençãõ não se tornaria um denunciante mas sim um benemerito, porque evitava um mal. Evidentemente que o sr. administrador do concelho, pela sua idade, não pode estar ao facto do que se passou no campo do amor a não ser que chamem a sua attenção.

D'isso só podem saber os *tenorios* da «Patria» ou os «Faustos» da «Discussão».

Não podia, pois, o administrador prevenir o mal de que se queixam, e que elle, como nós, e cremos que toda a gente, lastime.

Tambem não procedeu mal o sr. administrador em não attender a segunda parte da reclamação, ou seja a prisão dos suppostos auctores.

A vêr vamos E' ponto assente que o sr. administrador do concelho não assistiu ao conflicto, tendo comparecido no local, depois que foi pedida a sua intervenção. Não encontrou, pois, os auctores em flagrante delicto. Podia e devia prendê-los, depois d'isso? não.

A auctoridade administrativa, fóra do flagrante delicto, só pôde prender nas unicas circumstancias ou nos unicos crimes em que a auctoridade judicial.

O facto apenas se deu foi logo affecto ao poder judicial, que apesar de conhecer a natureza dos ferimentos e bem assim as circumstancias como tudo se passou, até hoje, não mandou prender qualquer dos suppostos auctores.

Logo não se trata d'um crime, cujos agentes passam ser presos antes da pronuncia.

O poder judicial, pois, veio justificar que bem andou o Sr. administrador do concelho.

Ao articulista do «REGENERADOR LIBERAL»

Com que então, depois de convenientemente elucidado sobre o seu erro por quem podia e devia, vae escutar-nos caladinho e quieto...

Ora adeus! Deixe-se d'essas coisas! O Sr. Articulista não vae ficar nem caladinho nem quieto a escutar-nos, porque ha-de mexer-se, fallar... e fallar muito, porque bem precisa d'isso. Não ha nada como a gente desafogar...

Nós ja temos dito muito sobre a questão sallesiana (o que não quer dizer que fiquemos por aqui...) e tambem desejamos ouvir os outros.

O Sr. articulista, por exemplo...

De resto, mais uma vez repetimos que a campanha aqui travada contra a *companhia sallesiana* de Ovar não obedece a más vontades ou vinganças contra esta ou aquella pessoa.

Não. De forma alguma.

Os nossos ataques apenas tem sido dirigidos contra a *ilegalidade* da *companhia*, contra os abusos e escandalos por ella praticados e sobretudo contra o *ensino* por ella ministrado. Tudo isso tem sido por nós largamente explanado n'este jornal. Julgamos ter fallado claro e direito, desafiando quem quer que seja a desmentir-nos.

O Sr. articulista depois de confessar que *errou*, quer ficar caladinho e quieto a escutar-nos...

Ora vá, mexa-se!

Ora vá, falle!

Nós já nos mexemos e fallámos bastante e por isso lhe queremos dar a vez...

Quer mais amabilidade?

Quer mais gentileza?

NOTICIARIO

TEMPO

Temos tido alguns dias esplendidos de sol quente.

Comquanto não tenhamos o verdadeiro e genuino — *verão de S. Martinho* — podemos, no entanto, dizer que o temos um pouco adulterado, porque apenas se sustentou dois dias.

PESCA

Tem havido trabalho de pesca mas de resultados improficuos.

Ornamentação funebre

Tivemos occasião de vêr, no dia de finados, na igreja matriz desta villa, uma rica eça, propriedade do sr. Francisco de Mattos que se propõe alugar objectos funerarios.

A referida eça é muito elegante, tendo toda a frente de talha dourada e preta, e os 4 tocheiros que a cercam, com ricas serpentinhas, são de fino gosto e muito fóra do vulgar.

A armação do templo é sumptuosa, reunindo a elegancia á simplicidade.

Entre nós, foi este a primeira vez que vimos uma ornamentação digna desse nome, constando-nos ainda que ella vae ser melhorada.

Registamos com satisfação este melhoramento para Ovar, que d'elle bem carecia.

REPRESENTAÇÃO

Foi enviada d'esta villa, á Direcção da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes, uma representação, pedindo o prolongamento até aqui, do comboio que sabe do Porto—S. Bento para Espinho ás 12 horas e 10 minutos da noute.

Ainda se desconhece qual a resolução da Companhia, mas é de prever que ella tome a mesma resolução que tem tomado com anteriores representações feitas pela camara municipal d'este concelho:—não attender.

E' bem verdade que a Companhia deve, n'estes casos ter em vista, em primeiro lugar, os seus interesses, e se ella attendendo esta representação vê que fica lezada, deve, pelo menos, attendê-la em parte:—ordear que esse comboio se effectue sómente aos domingos.

Mas, verão que nem isso...

ANNOS

Fazem annos, amanhã, os snrs. Joaquim Dias de Rezende e Augusto Dias de Rezende, filhos do nosso dedicado amigo, o sr. José Maria Dias de Rezende, acreditado industrial d'esta villa. Os nossos sinceros parabens.

Audiencia geral

No dia 5, sexta-feira, foi julgado, em audiencia de jury o réu Feliciano dos Santos—«*O Nabica*»—accusado do crime de furto.

Foi condemnado em tres annos de prisão correccional e custas e sellos do processo.

Sr. Redactor do «Jornal d'Ovar»

Continuação do n.º anterior

Mas vamos ao caso da conservatoria.

Em 1892 formei-me, e continuei a viver em Ovar, como d'antes, do que era dos meus e do meu trabalho mal remunerado, sem dever a estranho cousa ou favor algum. Nem as *protecções* nem as *recomendações* que tantos dos amigos politicos do Veiga deviam ao fallecido Dr. Aralla, eu a este deva. Não podia d'elle esperar empregos, porque os traidores do seu partido e os seus falsos amigos o haviam feito recolher a casa onde estava com a alma compungida da ingratitude e insidia d'uns e d'outros. Principiei a minha vida politica nesse anno, não a combater por quem me podia dar fartas prebendas, mas por quem estava soffrendo a ingratitude de traidores e falsos amigos.

Tenho pessoas da minha familia, fóra d'Ovar, altamente collocadas no seu partido, Veiga, no tempo em que era caceteiro politico.

Porque não principiei a minha vida politica no seu partido, que tantas vantagens me podia offerecer?—Não principiei, porque em Ovar in-

da continuava o regimen do cacete, do terror e da canalha, com que os adversarios do fallecido Dr. Aralla combatiam este.

Nesse anno os taes «dos jornaes d'Ovar» e do districto de que o seu *homem* falla e disseram mal de mim por occasião da minha posse de conservador» fizeram-lhe o enterro politico, e poseram ao largo, á babugem.

Jornaes d'esta terra, incluindo aquelle em que estou escrevendo, e do districto fallaram d'isto, mesmo até pouco depois da minha referida posse, em troca das *amabilidades* que os taes meus falsos amigos me dirigiram. Seu *homem* que lê *gazetas* sabe d'isto, e sabe ate que este jornal em que escrevo, meu adversario politico, me deu os parabens, por o meu despacho, o que mostra que não sou mau de todo. Lá fui, como ia dizendo, para o campo adverso ao seu, na era de Christo de 1892, batalhar em defesa generosa e humanitaria das desmanteladas hostes do partido, não dos falsos amigos do Dr. Aralla ou meus mas d'este e só d'este. Fui vivendo e soffrendo como é proprio o viver dos que na luta ardua soffrem. O Veiga sabe, porque por varias vezes me viu no campo da batalha «com meu corpo pequenino». Em 1900 não me mataram mas lá foi assassinado covardamente o meu official, sem que razão para isso tivessem. Procuravam-se outras victimas como em 1894. Fui amigo do Dr. Aralla e seu testamenteiro, sem que jamais os tormentos que os seus adversarios traziam para a minha vida, enfraquecesse essa amizade, que elle me pagava com igual amizade, e não com *dinheiro*. Em 1900 subiu ao poder o governo Hintz-Franco.

Já Dr. Aralla, alanceado por tantos desgostos e de tão diversa natureza, estava no proposito inabalavel de não querer saber de politica, apesar de ter ardente desejo collocar uma pessoa que, estranho, era para elle como de familia. Quem o demoveu d'este tão firme proposito? Foram os falsos amigos d'elle, foram esses que n'um jornal d'Ovar, n'outro d'Aveiro e n'outro da Feira se referiram á minha insignificante pessoa? Não. Esses, depois de enterrarem politicamente, andavam ao largo, á babugem.

Só quatro dos seus verdadeiros amigos é que o fizeram ir a Aveiro, á posse do então governador civil.

D'estes quatro existem apenas dois, sendo um d'elles esta sua pessoa. Foi para Aveiro de manhã e de tarde mandou-me um telegramma, chamando-me ali. Para que era?

Simplemente para me pôr este dilemma: «Ou eu administrador do concelho ou elle mettido em casa sem querer saber de politica». «Escolhesse eu».

Isso não é uma phantasia, é uma verdade de que se pode certificar pelo governador civil d'então.

Vê bem que o seu *homem* errou, não, mentiu, quando affirmam que eu «recebi o logar de administrador do concelho» dos taes meus amigos politicos de que falla. D'estes só recebi insidias e amarguras: Nunca favores ou considerações que me animassem na vida politica que tive apoz a morte do Dr. Aralla.

Vivi desde então não com esses, mas com os meus verdadeiros amigos, com aquelles de quem me dá *chefe*, com aquelles que estando eu em minha casa se lembraram do meu nome para conservador d'esta comarca. A estes devi o logar de administrador nos annos seguintes á morte do Dr. Aralla, contra a vontade dos amigos, não meus, mas do tal *outro chefe* de que tambem falla.

Sim, porque se havia dois chefes, eu só podia ser *chefe* dos meus amigos, e o *outro chefe* dos amigos d'elle.

Foram os meus amigos e um unico da cidade d'Aveiro que me escolheram para seu candidato no logar de conservador nesta comarca d'Ovar. Foi pelo meu valor politico que este amigo verdadeiro, pessoa tão respeitavel pelo seu talento e caracter, me escolheu para seu candidato? Não, porque bem sabia, por um meu amigo tambem concorrente ao logar, e d'esta terra, que eu não tinha valor politico nenhum. A amizade d'aquelle que me escolheu para seu candi-

dato devo estas expressões:—«Pouco me importa que tenha valor politico». «E' o meu candidato».

Já vê que o *verme* não se arrasta tão longe; e que so o *homem* pode ir até junto d'este *homem*.

Onde está, pois, a *traição* dos meus amigos de que falla o *homem* que deu por si? Não acredite, é tudo *apostifo*. Não os trahi, fui trahido muitas vezes. Quando a companhia não nos serve e nos offende e *des-honra*, é dever nosso fugir-lhe.

Assim, com menos motivo, fugiu o seu partido da companhia do partido franquista, e da companhia do partido vilhenista.

Com o meu proceder e a minha pouca intelligencia de que tanto se occupa o seu *homem* consegui afastar de mim o remorso que devem ter todos aquelles que directa ou indirectamente concorreram para o assassinato d'um Rei e d'um Principe, innocentes. Essa mancha negra da historia da minha patria deve-se a Hyena Bloco—de que a justiça da mesma historia fallará com maldição e horror.

Terminando, na posse da minha *joia*, d'essa prestavel certã, direi como o bom inglez, na historia dos casos alegres:

As *pelles* do Veiga e do seu *homem* já arrebertaram». «Tragam outras».

José Antonio d'Almeida

SR. REDACTOR DO JORNAL D'OVAR

Diz a sabedoria das nações que «quem não tem vergonha todo o mundo é seu.» Pois não tem o Dr. Almeida o supremo descaramento de dizer, que o *ferrete*, que lhe queima as carnes e lhe escalda a consciencia, se ella existe, e que lhe marca como estigma indelevel, a venda de um traidor *interesseiro*, constitue para elle uma corôa de louro?...

E' o requinte da audacia e do descaramento!

A corôa que diz ser de louro, se aquelle *homem* que de *aguia* se tornou *verme*, tivesse consciencia, devia considera-la uma corôa de espinhos, de que devia, se alguma vergonha lhe restasse, libertar-se, o mais depressa possivel, e nunca gloriar-se d'ella como, descaradamente, faz em letra redonda!

E falla em Rilhafoles um *homem* dementado a este ponto!

Não admira, pois não ha doidos que não julguem os ajuzados doidos tambem. A *verrina* insultante e *verminosa* d'este *homem* que de *aguia* se tornou em asqueroso *verme*, lembra-me o ornear do *potro*, sem ser o de D. Bibás, desesperado por lhe tocarem na succolenta ração de cevada, do valor de 700:000 reis annuaes, que tranquillamente moe e saboreia, no deleite da sua infame *traição*.

Judas, um dos eleitos do Divino Mestre, atraiçou-o pelo vil premio de trinta dinheiros; mas, ralado pelo remorso, soube remir o crime, enforcando-se n'uma figueira. O Dr. Almeida, comulado de favores pelos seus amigos politicos, atraiçou-os pelo tentador chorudo premio de *quatorze contos*, que é o capital correspondente á pingue annuidade de 700.000 reis.

Como não tem remorso, porque não tem consciencia, não se enforcou como aquelle, apezar de residir na rua das *Figueiras*; mas em compensação preparou a corôa de louro entrestecida com uma restea de *alhos*; e, oh! suprema irrisão; corôou-se a si proprio.

Bobo mais completo em chocarices, não inventaria Herculano.

Diz mais o idiota, que, no inventario por morte de D. Maria Carolina de Moraes Ferreira, me defendeu os meus direitos, não me levando remuneração alguma. Se de facto nada recebeu, é porque, nada quiz receber, por quanto eu costumeo pagar o que devo.

Isto é baixo! Que terão os outros com a nossa vida partieular?!

Pois meu caro Dr., se nada me quiz d'esses serviços, tambem eu nada lhe recebi de tudo quanto me pertencia no inventario a que se pro-

cedeu por fallecimento de seu sogro o Ex.^{mo} Snr. Francisco Barbosa de Quadros, e por isso julgo ter cumprido com os meus deveres, e nada lhe dever. E' com magua que me obriga a dar-lhe esta reposta, porque o que se dá, fica dado para sempre. Ouviu Dr. não queira ser como a...

Todos os doidos são maus e intrigistas.

Pois, com que descaramento, vem este desgraçado dizer, que quando foi do julgamento, do Caetaninho de Villar, eu fui posto fóra do tribunal como testemunha no dia do julgamento?

Que infamia! Quem poderá deixar de ser calumniado por um homem d'estes?!

Pelo contrario fui elogiado pelos dignos magistrados de então, porque fui eu que, na qualidade de regedor, prendi o criminoso logo após o crime e o fiz conduzir ao Ex.^{mo} Snr. Administrador do concelho, indicando immediatamente as testemunhas que figuram no processo e que provaram o crime. Seria isto, louvavel, ou tambem seria illegal esta prisão.

Predomina n'este homem a mania do insulto e da intriga, não poupando até os mortos. Que faria eu que me compromettesse em casa do fallecido João Dias Pires, da rua Nova, de Vallega? Indique mais essa refalçada mentira, seu intrigante.

Tem ainda a audacia de dizer que são tres irmãos unidos contra elle; tambem mente.

O que escrevo só a mim pertence e o Dr. tambem o não deve ignorar, porquanto isto de escrever em jornaes é o mesmo que responder aos quesitos de qualquer vistoria; mas se de facto continua a querer dar aos outros o que lhe não pertence então ha outro meio de resolver esta contenda entre nós dois. A murro, porque evita assim o continuar a dizer que dou *alguem* por mim.

Mais mentiras. Eu quiz-me passar para o partido regenerador, mas não me passei. E porque?

Porque os meus correligionarios não livraram o meu filho do serviço militar, e por isso fui queixar-me ao Dr. Almeida, respondendo elle que já não havia recurso da inspecção, do contrario tudo conseguia.

Com que disfaçatez se mente. O meu filho não foi apurado definitivamente, mas sim *condicionalmente*, e assim desde que fosses verdadeira a minha offerta, ainda havia meio de o mentiroso mostrar todo o seu valimento.

Mas o que elle queria estava secco.

A verdade é só uma. Não me conformei com o resultado da inspecção. Não tinha na villa a pessoa da minha confiança, que costumava consultar.

E por isso fui a caza do Dr. Almeida perguntar se podia requerer segunda inspecção.

Nem mesmo, n'esse dia, havia outro advogado, na villa, segundo crio.

Elle, antes de me responder, começou a accusar os meus amigos politicos, attribuindo-lhes falta de consideração por mim e pelos meus serviços politicos.

Achou que era bella a occasião para explorar esta mina... politica.

Eu ouvi, e concordei na desconsideração, por meio de palavras, mas quando sahi, trazia a mão no bolso, e assim a conservei para ouvir, como ouvi, contar a grande *victoria* por elle cantada sobre a minha adhesão ao seu partido.

Elle é esperto, mas a mim não me... enganou.

Faltava-me dizer, que elle não me levou nada pela consulta.

Em tal altura não se esperava outra couza.

Eis os factos. Cada um aprecie e forme o seu juizo.

Eu defendo-me das accusações, que se me fazem.

O Dr. Almeida segue caminho apposto.

Ouve as accusações e em vez de se defender, accusa tambem, porque só tem em vista provar que todos constituem uma corja de malandros. Se elle se vendeu, todos se venderam tambem, ou seja, todos têm pela cartilha d'elle.

Eu sou um *cacique*, que só pratico arbitrariedades, que não se apontam que não sejam logo desfeitas.

Não me poderá dizer se foi legal a prisão que me mandou fazer nas vespervas d'uma eleição, que queria vencer pela força?

Seria legal prender, na mesma occasião, ao snr. Manoel José da Silva de Mattos, um honrado velho inoffensivo e aos seus dois filhos?

Seria legal a prisão do snr. Manoel d'Oliveira Folhã por causa d'uma questão de propriedade que o tal *Judas politico* tinha com o mesmo?

Seriam legais outras prisões que fez e que lhe apontaremos, se fôr necessario?

Temos muito que conservar, mas agora só accusarei.

Vallega 3 de Novembro de 1909

José Luiz Veiga

Ex.^{mo} Snr. Redactor do «Jornal d'Ovar»

Plenamente demonstrado está com razões e factos, que o snr. dr. Almeida não professa o culto lido e immanente por aquella virgem symbolica que os antigos representavam nua e armada d'um espelho.

A quem quer accusar decorosamente, impõe-se-lhe, snr. dr. Almeida, a obrigação fundamental de instruir-se e instruir-se bem, e não se guiar cegamente por phantasias pathologicas de cerebros avariados, como não podem deixar de ser os que lhe communicam *verdades* em que a mentira, a insidia, a velhacaria e a imbecilidade moral se atropellam e se confundem.

Veja-se o phantastico e edificante caso da certidão do anjinho da Corga do Sul, adrede inventado para surtir efeitos magicos, e que bom é repetir-se, o snr. dr. Almeida, apesar de não ignorar como se tinha dado, não hesitou em apresental-o como *uma verdade adquirida sem phonographo!*

E veja-se agora o cerebrino caso que, apoz demorada congeminção, arteiramente se me imputa.

Essa creança da Ervideira, a que o snr. dr. Almeida ultimamente se refere, foi examinada pelo meu collega snr. dr. Joaquim Silva, em Avanca, segundo referiu o encarregado do enterro ao snr. regedor.

Essa creança, ao contrario do que o snr. dr. Almeida affirma, teve, pois, *assistencia medica*. Succedeu, porém, que, por negligencia ou talvez para se esquivarem á maçada de irem a Estarreja, onde reside aquelle meu collega, o cadaver veio para a igreja sem se munirem da respectiva certidão d'obito.

Não podendo, por este facto, o cadaver ser inhumado, e sendo quasi noite quando terminou a *commendação*, o que impossibilitava a ida immediata a Estarreja, lembrou-se o snr. regedor de me mandar procurar para eu dizer em face do cadaver, se este poderia estar insepulto até á manhã do dia seguinte que era quando estaria de posse da respectiva certidão.

Em consequencia do estado de decomposição adeantada do cadaver, devido, sem duvida, á temperatura elevada propria da epocha, opinei por que a creança fosse enterrada sem demora.

Conformando-se com o meu parecer, o snr. regedor deu então ordem para o enterramento immediato, e simultaneamente ordenou que procurassem no dia seguinte a certidão d'obito para ser passada pelo medico assistente, que, como disse, tinha sido o meu collega snr. dr. Silva, que dá consultas em Avanca, em determinados dias da semana.

Foi assim como os factos se passaram e não como mais uma vez erradamente ouviu ao seu informador, que, n'este caso, talvez fosse o tal *amigo das Poças*... de Gonde, porque o seu *amigo* Lino de Carvalho, entalado com o caso *ultra-extraordinario* da certidão

do anjinho da Corga do Sul, perdeu a fala!

Mais uma vez se vê que o snr. dr. Almeida, inconscientemente, quero ainda crê-lo, acceita tudo quanto lhe dizem sem faser como o lavrador que *colhe o trigo*, mas sabe em seguida passal-o pela joeira para o limpar das suas impurezas.

Concluindo; tenho passado muitas certidões d'obito a não avindos e espanta-me sobremaneira que só me apresente esses dois *casos*, que com tanta facilidade se destroem.

Podia citar-lhe varias pessoas de reconhecida honestidade e seriedade, que teem corrido com enterros, que podiam inteiral o do erro conhecido em que, apesar de tudo, persiste.

Entre estes, não deixo. porem, de nomear-lhe os snrs. Francisco de Oliveira Lopes, do Cadaval, José Manoel de Oliveira Lopes, da Estrada de Cima, Manoel José da Silva de Mattos, José da Silva de Mattos, da Estrada de Baixo, Antonio da Silva Valente, da Espinha, João Rodrigues da Fonseca, de S. João, Joaquim da Silva Fonseca, de Busteljo, Antonio d'Almeida, de Passó, Manoel de Finho, da Regedoura, João Valente do Fonseca, de S. Miguel, Antonio Bento da Silva Valente, da Estrada de Baixo, Antonio Joaquim da Fonseca, de Pereira, e Manoel de Pinho Victoriano, de Mollaredo, todos elles importantes proprietarios d'esta freguezia, bem conhecidos pela sua integridade de caracter e pela sua reconhecida independencia, alguns dos quaes se não são já seus amigos politicos, são pelo menos seus amigos pessoas. aos quaes tenho passado, por diverssas vezes, certidões d'obito de *não avindos*, sem remuneração alguma.

E' n'este terreno, snr. dr. Almeida, que deve trilhar caminho em busca da verdade pura.

Siga o, snr. dr. Almeida, para seu bem.

Vallega, 2 do novembro de 1909

José Lamy

MAXIMAS

Higiene

Se quereis ter saude tomai banhos d'agua, d'ar e de luz solar.

E' mais benefica uma hora de exercicio ao ar livre do que quatro horas na cama.

Conselhos

Mancebos, empregai todas as vossas facultades nas cousas pequenas e aprendereis a ser methodicos nas grandes. N'isso achareis alegria e recompensa.

Se tiveres indulgencia nas pequenas faltas que commetteres depressa te acostumarás a tel-as nas grandes, que te levarão ao abysmo.

ANNUNCIOS

Terra

Vende-se uma terra de lavradio na iha denominada das «Louzas» a pegar á terra da snr.^a Anna Figueiredo, vende-se toda ou em parcelas. Sendo em parcelas todos tem agua de réga e caminho em separado. Quem pretender dirija se ao snr. D.^o Joaquim Soares Pinto.

OFFICINA DE GUARDA-SOES

DE

Antonio da Fonseca Bonito
Rua dos Ferradores
(Arruella)

OVAR

N'esta officina encontra-se á venda um variado sortido de guarda-soes de brilhantina setim, alpaca, lanzinha, e d'outros tecidos, por preços baratissimos;

Ha tambem bengalas, e encastoam-se estas em prata e outros metaes.

Concertam-se guarda-soes e cobrem-se do novo, em uma hora, havendo tambem lindos cabos avulsos para os mesmos.

Concertam-se armas e revolvers e continua-se a fazer christos em prata, metal branco e amarello para rozarios e redomas, varas de prata para imagens de S. José, alfaias de igreja e ornamentos para redomas e oratorios.

Concertam-se, limppam-se e coram-se castiças, salvas, lampadas, bufes, paliteiros resplendentes, cordas e todas as pratas.

Encadeiam-se rozarios e terços com fio de prata, ou qualquer arame, e fazem-se todos os trabalhos concernentes á sua arte, por preços muito modicos o com promptidão.

—Ha tambem á venda grande sortido de calçado para homem e creança, sapatos de verniz e de côr, chinellos, tamancos para mulher, para homem e creança.

ADOBES

Bem fabricados e de boa massa. Terra propria para construções solidas. Vende a preços convidativos.

FRANCISCO CORRÊA DIAS

Rua do Loureiro
OVAR.

CASA

Vende-se uma, na rua das Ribas, d'esta villa, com quintal e poço, que foi do fallecido mestre d'obras Manoel Joaquim da Siiva Valente.

Para tratar, com

Guilherme d'Oliveira Corrêa

Rua das Ribas
OVAR

LIÇÕES

Lecciona-se francez e nabilita-se para exame de instrucção primaria 1.^o e 2.^o grau, tanto em casa das alumnas como na Rua de S. Bartholomeu n.^o 37.

Acceitam encomendas de flores artificiaes, e da-se lições das mesmas.

Cazas

Vende-se um bom predio de cazas com armazem por baixo, vinha e arvores de fructa, e dois caminhos de pé e carro.

Quem pretender dirija se a José Leite Brandão, o «Midéia» da rua dos Maraválhas.

EDITOS

2.^a Publicação

Pelo Juizo de Direito da comarca de Ovar e cartorio do primeiro officio—Escrivão Coelho—correm editos de 30 dias a contar da ultima publicação deste annuncio no «Diario do Governo,» citando o interessado Antonio Augusto Rodrigues da Silva, solteiro, menor, pubere, auzente no Rio de Janeiro, para todos os termos até final do inventario por obito de seu avô Antonio da Silva Godinho, que foi do Salgueiral de Cima, desta freguezia de Ovar, em que figura como cabeça de casal a sua viuva Rosa Duarte, d'ahi, e isto sem prejuizo do andamento do mesmo inventario.

Ovar, 23 de Outubro de 1909.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

Ignacio Monteiro

O Escrivão

João Ferreira Coelho.

Editos de 30 dias

2.^a Publicação

Pelo Juizo de Direito da Comarca d'Ovar e cartorio do escrivão Lopes correm editos de trinta dias a contar da segunda e ultima publicação d'este annuncio no *Diario do Governo*, citando os interessados Antonio do Rosario e Costa e mulher Rosa Joaquina d'Oliveira Reis. ausentes em parte incerta da cidade de Lisboa, para assistirem a todos os termos até final, do inventario orphanologico a que se procede por obito de sua irmã e cunhada, Anna Maria de Pinho, solteira, maior, surda-muda, moradora que foi no logar do Cabo da Lavoura, freguezia de Vallega, d'esta comarca e em que é cabeça de casal outro seu irmão e cunhado Manoel do Rosario e Costa, solteiro, maior lavrador, d'aquelle logar e freguezia, e isto sem prejuizo do seu andamento.

Ovar, 28 de Outubro de 1909. Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Ignacio Monteiro.

O escrivão substituto,

Amadeu Soares Lopes.

Mercearia, Tintas, Ferragens e Miudezas
ARMAZEM DE

CEREAES E LEGUMES

DE
ABILIO JOSE' DA SILVA

CIMO DE VILLA

OVAR

N'este estabelecimento, o mais importante que se acha ao nasscente da linha ferrea, em Ovar, encontrará o publico o mais completo sortido que possa haver em casas n'este genero, por preços mais rasoaveis do Mercado.

VENDA DE PREDIOS

EM

OVAR

Vendem-se duas moradas de casas, sitas na rua da Pôça e Viella do Mattos.

Um palheiro na costa do Furdouro junto da Fabrica de Conservas e quatro Pinhaes sitos nas Mattas do Brejo e Enxemil.

Tratar com

FRANCISCO LOPES

CADAVAL

(ou Manoel Gomes Laranjeira)

R. DA GRAÇA

ADEGA DO LUZIO

Do entrudo a esta data
Que de folga tenho 'stado,
N'uma vida tão pacata,
Tão sanfinha, tão beata,
Que me sinto .. abeatado...

Todavia, em tempo santo,
Não extranhe, pois, *voceucia*,
Que, mettido n'este canto,
Tenha só tratado tanto,
De limpar a consciencial...

E s'alguem quizer *limpal-a*,
Ficar limpo, bem limpinho,
Tão limpinho, que regala,
Deixem lá fallar quem falla,
—Do **Luzio** gastem vinho...

Bons vinhos maduro e verde, tinto e branco, gero-
pigas finas, aguardentes, azeite a preços convidativos.

Garante-se a pureza de todos os artigos

ANTONIO DA SILVA BRANDÃO JUNIOR

MERCEARIA PINHO & IRMÃO

— LARGO DA PRAÇA —

Os proprietarios d'este estabelecimento, na
certeza de que sempre satisfizeram o melhor pos-
sivel aos seus freguezes, no preço e qualidade
dos seus generos e artigos, convidam o respeita-
vel publico a visitar o seu dito estabelecimento,
onde encontrarão além de todos os generos de
mercearia; um variado sortido de miudezas, ar-
tigos de papelaria, drogas, tintas, ferragens, arti-
gos de latoaria, vinhos da Companhia e outras
marcas, etc. etc.

Tabacos e phosphoros para revender

Deposito do Café Moido Especia

O MELHOR E DE MAIS SAHIDA EM OVAR

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

DE

MONTEIRO & GONCALVES

RUA DOS MERCADORES, 171 — NÃO CONFUNDIR COM IMITAÇÕES

A UNICA NO GENERO QUE TRABALHA MAIS BARATO

NUMERO TELEPHONICO, 737

Esta redacção encarrega-se de todos os trabalhos typographicos

PORTO.



O GABÃO ELEGANTE

DE
AVEIRO

É e ha de ser sempre o agasalho
mais conveniente e elegante contra o
Frio, Vento e Chuva
e o mais commodo para viagem. E se quereis
o verdadeiro só o encontrareis na
ALFAIATERIA DA MODA

de ABEL GUEDES DE PINHO

ALFAIATE NATURAL DA CIDADE DE AVEIRO

DEPOSITO DE BYCICLETTE
RILEY

E outras marcas; todas as pe-
ças precisas para as mesmas. Con-
certam-se bycicletes

Preços sem competencia



Machinas de Cos-
tura das bem conhe-
cidas e acreditadas
marca „Opel”.

DEPOSITO DE CALÇADO

As machinas de costura da acreditada marca „OPEL” são, indubitavelmente, as unicas que poderão preencher
todas as exigencias no freguez—leves de andamento, podem ser usadas por pessoas de qualquer idade; o seu ponto elegante torn-
estas machinas preferiveis a qualquer das outras marcas, sendo tambem de um encantador e maravilhoso effeito em todos os traba-
rhos em bordadura, razões porque estão sendo usadas, de preferencia nos grandes ateliers de modista e alfaiate das principaes ter-
las estrangeiras. Não comprem, pois, machinas de costura, sem verem as da marca „OPEL”. Dão-se todas as instruções e ensina-se
• bordar gratuitamente.

Vendas a prestações de 500 réis semanais.
Há á venda todos os accessorios, taes como: Oleo, vazelina para conservar os nickelados, agulhas para todas as marcas,
etc., etc.

Concertam-se machinas de costura de todas as marcas e accoitam-se machinas velhas em troca das novas.

Preços muito reduzidos.

ABEL GUEDES DE PINHO

Largo da Praça n.º 46, 47 e 48 — OVAR

OFFICINA E ESTABELECIMENTO
DE CALÇADO

DE

VICTORINO TAVARES LISBOA

S. João da Madeira

(Oliveira d'Azemeis)

O proprietario d'esta officina,

vende, em todos os domingos, na
praça da hortaliça, d'esta villa,
calçado em todas as côres, para
homem, senhora e creanças encar-
regando-se tambem de executar
com esmerada perfeição e modici-
dade de preços, toda a encomen-
da de qualquer obra concernente
á sua profissão.

—Sendo preciso, em qualquer
dia da semana, fazer-se encom-
endas, o proprietario virá tam-
bem a esta villa, a caza dos tre-
guezes, que para isso o avizem
pelocorreio ou pessoalmente.

MARCA REGISTRADA
PORTO
Rua Sá da Bandeira, 249

Fabrica de corôas

e flores artificiaes

Premiada com medalhas de ouro
em todas as exposições a que tem concorrido

COROAS FUNEBRES

RAMOS para altar.
Grande sortido
de plantas para
adorno. Flôr de laran-
jeira, e todos os apres-
tos para flores.

DEPOSITOS NA PROVINCIA

COIMBRA — Manoel Carvalho
Largo do P. D. Carlos.

FIGUEIRA DA FOZ — José Neves Zuzarte
Praça de Camões.

SANTAREM — Fonseca & Souza.

BRAGA — Pinheiro & C.ª